

Ordem Médicos

ano 32 n.º 173 Outubro | 2016 Mensal | 2€



Consequências sanitárias do TTIP - pág. 29

entrevista
Pedro Câmara Pestana
AMP Student:
queremos criar
uma cultura de
comunicação
científica - pág. 37



Ciclo de conferências
"Que Futuro?"
**A Constituição e
o futuro de
Portugal** - pág. 24



Pedro Câmara Pestana

Médico interno do ano comum; Editor-chefe da *AMP Student*



AMP Student:
queremos criar
uma cultura de
comunicação
científica

Pedro Câmara Pestana é um jovem médico interno - do ano comum - com algum trabalho desenvolvido na área pedagógica e da educação médica, tanto no Conselho Pedagógico da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa como na Associação de Estudantes. Em regime de voluntariado trabalhou em projetos como “Medicina Mais Perto: Moçambique”; do seu percurso, salientam-se ainda 12 anos de escutismo no CNE, como elemento estruturante que contribuiu muito para a sua formação, enquanto pessoa e cidadão. Em 2015 aceitou entrar num projeto inovador que dava os primeiros passos: a *AMP Student*, parte integrante da Acta Médica Portuguesa (AMP). Em 2016 aceita o desafio de coordenar o projeto, como Editor-Chefe, cria uma equipa de trabalho mais alargada e dinamiza a relação com as faculdades de medicina, aumentando substancialmente quer a capacidade de resposta da *AMP Student* quer o número de trabalhos científicos de estudantes de medicina que têm divulgado. A ROM entrevistou o Editor-Chefe da *AMP Student* e dá agora a conhecer o trabalho já desenvolvido e os projetos futuros.

Revista da Ordem dos Médicos – **Fale-nos um pouco da AMP Student.**

Pedro Câmara Pestana - A AMP Student é um projeto muito ambicioso da Acta Médica Portuguesa. Começou em 2015, altura em que entrei como editor associado. O objetivo da AMP Student era criar um espaço de comunicação de ciência para os estudantes de medicina e jovens médicos, que permitisse não só que publicassem os seus trabalhos originais mas que, também através desse trabalho, desenvolvessem competências que curricularmente as faculdades começam a estar atentas mas para as quais ainda não têm oferta estabelecida.

ROM – Os artigos que os estudantes de medicina publicam na AMP Student são indexados?

PCP – Sim, esse era um dos nossos objetivos iniciais: criar um espaço onde os estudantes publicassem de forma indexada, portanto, tal como qualquer outro artigo da AMP. Essa é precisamente a matriz que nos distingue de outras publicações pois, por exemplo, na *Student BMJ* os artigos dos estudantes não são indexados. Na Acta Médica Portuguesa, o artigo de um estudante submetido à secção da AMP Student passa por um processo editorial igual ao de um médico especialista e a única diferença que terá é que destacamos o facto de o autor ser um estudante. O processo de *peer review* é exatamente igual e a qualidade para o superar tem que ser idêntica. A única diferença é de facto a faixa etária.

ROM – Em 2016 passou a Editor-chefe do projeto...

PCP – O meu percurso foi sobretudo ligado à educação médica e à pedagogia, seja no conselho pedagógico seja na associação de estu-



dantes e foi nesse tipo de funções, onde participei em projetos de reformas curriculares ou no desenho e implementação de inquéritos de avaliação de ensino, que acabei por conhecer o Prof. Rui Tato Marinho, que dirige a Acta Médica Portuguesa. Foi um acaso feliz que acabou por me permitir fazer parte, em 2015, como editor associado da equipa pioneira da AMP Student que era coordenada pelo Henrique Cabral. O Prof. Rui Tato Marinho convidou-me para ficar a liderar em 2016. Tendencialmente tenho mais facilidade nas áreas da pedagogia e da educação médica do que na área científica pelo que o desafio exigiu de mim algum estudo e formação na área da edição científica mas aceitei, com a condição de ter autonomia e que me

fosse dado um voto de confiança para poder construir uma equipa e reorganizar a AMP Student, pois tinha como objetivo chegar a mais estudantes. Por entender que a estrutura da AMP Student deve ser democrática e captar os melhores recursos, foi nossa intenção, não só garantir estabilidade para os próximos anos, permitindo a continuidade de pessoas e processos, como iniciar uma procura permanente e ativa do mérito em cada uma das Escolas Médicas, para que os atuais autores, revisores e representantes locais da AMP Student pudessem, mediante a qualidade do seu trabalho, aspirar a ser editor associado e fazer parte do processo decisório ou indicação de nomes para editor-chefe da AMP Student.

ROM – Quanto tempo é um mandato de Editor-chefe da AMP Student?

PCP – Consideramos a renovação importante, por isso, apesar de não haver uma definição formal, decidimos que o mandato seria de um ano, pois é um período que permite a quem entra para a coordenação trazer alguma reorientação e novas ideias mas que, ao mesmo tempo, garante a estabilidade da própria AMP Student, uma vez que parte do corpo editorial se mantém.

ROM – O grupo de trabalho da AMP Student divide-se entre representantes locais e equipa editorial. Pode falar-nos um pouco da importância dessa estrutura?

PCP – Em 2016 a equipa passou a ser constituída por mim, que sou interno do ano comum, como editor-chefe, uma colega, interna do ano comum, que por outros compromissos profissionais abandonou recentemente a equipa, a Rita Ramalho, da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, o Bernardo Marques da Silva e a Mariana Fernandes da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa e a Joana Revés da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. O alargamento da equipa editorial ajudou-nos a melhorar a nossa capacidade de resposta.

ROM – E os representantes locais?

PCP – No início do projeto sentimos que era difícil ligarmo-nos “à fonte”, ou seja, aos estudantes. Foi por isso que criámos um comité de editores associados mais alargado e os representantes locais, um por cada escola médica nacional. Fizemos um concurso nacional e, através de uma grelha pré-definida, efetuámos a seleção dos representantes locais em cada

uma das escolas médicas. São eles que trabalham como elo de ligação entre a AMP Student e a associação de estudantes, os órgãos de governo e as estruturas de investigação das faculdades, e funcionam como elemento de divulgação junto dos estudantes. Criámos assim uma estrutura mais ágil que nos permite dar outro tipo de resposta que antes não conseguíamos ter.

ROM – Falou há pouco de competências curriculares que os estudantes poderão adquirir através da AMP Student. Pode especificar?

PCP – Através da AMP Student os estudantes podem, além de publicar os seus trabalhos numa revista indexada, melhorar o chamado “currículo invisível”: adquirindo uma série de competências para as quais as faculdades de medicina não contribuem diretamente mas que é suposto os estudantes terem no final do seu curso. Por exemplo, a capacidade de desenvolver e comunicar o produto da sua atividade científica. Podem encontrar vários exemplos de qualidade no nosso site.

ROM – Que tipo de informação útil aos estudantes de medicina podemos esperar encontrar no site?

PCP – O site serve o propósito de divulgar a produção científica dos estudantes mas também de lhes prestar formação em termos de competências científicas e noutros domínios do seu desenvolvimento pessoal. Temos algumas infografias mais didáticas, que são, no fundo, artigos da AMP numa linguagem mais “digerida”. Por exemplo, uma infografia sobre como fazer uma pesquisa bibliográfica; dicas para fazermos um bom título, uma infografia na área das *soft skills* sobre como fazer uma

boa comunicação em ciência, com conselhos muito práticos, como é que se constrói um *powerpoint* e até infografias que são fora do âmbito da produção científica mas que valorizam o currículo dos estudantes como a que lançámos já em outubro sobre como criar um bom perfil de *LinkedIn*.

Não só tivemos a preocupação de usar a linguagem certa para comunicar com os estudantes como também procurámos ir atrás de uma série de áreas que valorizem o estudante como um todo. E temos os *online posts* que vieram dar uma grande ajuda e que foram uma ideia feliz que concretizámos este ano...

ROM – Em que consistem os *online posts*?

PCP – Sentíamos que os estudantes até publicarem os seus artigos não tinham estágios intermédios que lhes permitissem desenvolver trabalho científico suficiente para terem a confiança de publicar numa revista indexada e, nesse sentido, criámos os *online posts*, o tal “degrau intermédio” que faltava. São uma forma dos estudantes produzirem ciência numa estrutura muito mais simples que é publicada, de uma forma não indexada, somente no site da AMP Student mas que passa por um processo de *peer review* especial, uma vez que é feito por “revisores estudantes”, que se inscrevem no nosso site e que são supervisionados pela equipa editorial. Isto permite-nos formar potenciais autores num esquema mais fácil de submissão e, ao mesmo tempo, potenciais revisores ao fazermos críticas construtivas às próprias revisões que recebemos. O nosso objetivo é que o estudante que comece a publicar um *online post*, quando chega à faculdade, acabe o seu curso a publicar um artigo original ou uma revisão

numa revista científica, quer seja a Acta Médica Portuguesa ou outra.

ROM – Têm tido muita adesão por parte dos estudantes de medicina?

PCP – A adesão tem sido considerável, embora aquém das nossas expectativas iniciais que eram, talvez, excessivamente otimistas. A verdade é que está a correr como seria expectável: o ano passado publicámos 5 artigos de estudantes na AMP e este ano já vamos em 10 artigos indexados. Temos 17 *online posts* publicados e várias infografias. Em termos de revisores temos cerca de 40 estudantes inscritos na nossa plataforma. Acho que, nos artigos, o ritmo é razoável mas nos *online posts* o movimento que esperávamos só tem acontecido porque tem existido um grande empenho e trabalho de angariação de *online posts* da parte de todos, editores associados e representantes locais.

ROM – Referiu a necessidade de aprendizagem dos processos editoriais. Parte dessa aprendizagem foi através de uma visita ao BMJ. Que análise comparativa faz das duas estruturas, AMP e BMJ?

PCP – Na estrutura do BMJ, que tem um contexto e dimensão diferentes claro, a equipa é ultraprofissionalizada. No BMJ há mais funcionários jornalistas do que médicos, o que é de grande relevância porque nós, pela nossa formação em medicina, não estamos habilitados a fazer o tratamento jornalístico que por vezes é necessário. Esse tem que ser um dos desígnios futuros: trazer mais *know how* quer para a AMP quer para a AMP Student. Enquanto AMP Student, queremos, no futuro, vir a incorporar estudantes de jornalismo, de *design* e de informática na estrutura da revista para con-

seguirmos ser mais eficazes na nossa comunicação.

A AMP é equiparável ao BMJ na medida em que é a revista científica oficial da Ordem dos Médicos, tal como o BMJ em relação à British Medical Association (BMA), devendo assim ser responsável por aquela que é uma vocação da OM: estimular os estudantes e os médicos a produzir ciência. Vim para a AMP Student porque senti que podia ajudar a desenvolver o projeto, sabendo que o faria em simultâneo com o meu desenvolvimento nesta área; aprender com uma estrutura em formação, como é o caso da AMP Student, é um desafio diferente do que chegarmos a um projeto com uma estrutura que já está pronta. Infelizmente a estrutura da AMP funciona bem à custa de muito poucos. São precisas mais pessoas e outro tipo de incentivos para funcionar melhor. Tenho esperança que, tendo em conta a fase de eleições que a OM está a viver, em todos os programas eleitorais de candidatura a bastonário venha claramente definida uma estratégia para a Acta Médica Portuguesa, enquanto veículo principal de comunicação de ciência da OM. Não acho que nós, enquanto AMP Student, tenhamos que ter vencimento, mas acredito que devemos sobretudo ter mais apoios financeiros, logísticos e menos burocracia no sentido de desenvolver a nossa atividade com dignidade. Tudo isto salvaguardando a necessária independência e autonomia editorial que a AMP e AMP Student devem ter em relação à OM. O atual Bastonário foi sensível a estas necessidades e temos conseguido alguns apoios no desenvolvimento desta atividade mas continua a existir uma grande parte do que fazemos que decor-

re da nossa boa vontade...

ROM – O site da AMP Student é um exemplo desse trabalho e boa vontade...

PCP – Sim. O site da AMP Student foi criado pela nossa equipa editorial sem qualquer custo ou apoio. Também fizemos uma imagem nova e uma página do *facebook* autónoma para a AMP Student. O trabalho com as escolas médicas também está a ser feito de raiz. Além do ano comum, que estou a frequentar, digamos que a AMP Student é o meu segundo trabalho quando chego a casa. Felizmente os editores associados são muito capazes e competentes e têm conseguido encontrar a motivação necessária para desenvolver este trabalho e dar o seu contributo para a AMP Student.

ROM – Dão uma natural relevância à comunicação...

PCP – Para nós é fundamental! Acharmos importante adaptar o logotipo para algo mais jovem, mantendo naturalmente a referência à Acta Médica Portuguesa. Depois de, numa primeira fase, termos começado por comunicar através do Facebook da AMP, tivemos a noção clara de que seria necessário adequar a nossa comunicação aos estudantes e jovens médicos, que é necessariamente diferente da forma de comunicar para médicos especialistas; essa consciência da importância de comunicar bem fez-nos autonomizar quer o site quer a página do *facebook*.

ROM – A visita ao Student BMJ foi relevante para o trabalho que estão a desenvolver na AMP?

PCP – Sim, passámos alguns dias em Londres a assistir às reuniões e organização do processo editorial do BMJ e do Student BMJ e, depois dessa visita, alterámos para me-



lhor o nosso método de funcionamento: por exemplo, agora todos os artigos que entram na *AMP Student* têm uma nota editorial que é baseada numa série de premissas. Temos em conta se o artigo está bem estruturado, se os objetivos do artigo foram bem desenhados, se os métodos se adaptam a esses objetivos, se os resultados são adequadamente apresentados, se a sua discussão se foca nos resultados desse manuscrito, ou se as referências bibliográficas estão bem colocadas, etc. Existem uma série de variáveis que têm sido analisadas e que permitem que o nosso processo editorial seja agora muito mais fiável. A visita ao BMJ foi apenas uma das ações de formação pois também desenvolvemos, com o apoio do Prof. Rui Tato Marinho, um plano de sessões com o conselho editorial da AMP.

ROM – Podemos dizer que o processo editorial da AMP Student se tornou muito mais pedagógico...

PCP – Claro. No caso do autor não perceber a razão da rejeição do seu trabalho temos agora a possibilidade de, caso o autor solicite, oferecer uma resposta mais estruturada. Cada artigo leva uma nota formal do conselho editorial – sobre se cumpre as normas, se está bem redigido, se não há conflitos de interesses óbvios – e uma nota editorial que faz uma análise mais exhaustiva. Com base nesses dois documentos o Editor Chefe pode analisar o artigo de uma forma mais esquemática e objetiva, decidindo de forma mais célere, se o artigo segue ou não para o processo de *peer review*.

ROM – Pode falar-nos um pouco da estratégia internacional da

AMP Student?

PCP – Se em termos nacionais, com a criação dos representantes locais, temos conseguido ter uma implementação muito maior, em termos internacionais ainda estamos a dar os primeiros passos...

ROM – Mas já estabeleceram contactos?

PCP – Temos estabelecido alguns contactos com congressos internacionais no sentido de divulgar a *AMP Student*. Na visita a Londres também estabelecemos uma parceria informal com o *Student BMJ*. Participamos na divulgação de inquéritos e outras iniciativas da *Student BMJ* e também temos tido algum apoio dessa organização em iniciativas pontuais, de que é exemplo o envio de um *online post* do Matthew Billingsley, Editor Chefe da *Student BMJ*, com o

objetivo de estimular a produção científica.

ROM – Quais os desafios futuros da AMP Student?

PCP – Com a estrutura montada, o grande desígnio em 2017 será precisamente a internacionalização da marca porque, de facto, essa é a área que está menos desenvolvida. Consideramos importante criar uma rede internacional de comunicação de ciência com outros parceiros pois, apesar do seu crescimento recente, ainda não há assim tantos jornais de estudantes e seria interessante conseguirmos criar uma organização que abarcasse este tipo de revistas. Esse é um objetivo muito ambicioso que precisaria de um mandato dedicado apenas a esse desígnio.

ROM – A AMP Student pode ter um papel na promoção da lusofonia?

PCP – Claro! Nós publicamos artigos em inglês e em português. Fazemos partilha dos nossos artigos com grupos relevantes do Brasil, Angola e Moçambique. Mas são pontes que estão a acontecer numa base ainda pouco definida. Mas, na minha opinião, esse é um grande desafio futuro: a AMP Student estabelecer-se como a revista científica preferencial dos estudantes de medicina no mundo da lusofonia.

ROM – Que outros objetivos realça, a curto e longo prazo?

PCP – O V Simpósio da AMP, que decorre no dia 4 de Novembro, que tem uma grande componente dedicada aos estudantes, mas também aos médicos em geral e onde falaremos de investigação clínica, problemas da educação médica, etc. Fruto da cooperação que fizemos com vários congressos organizados por estudantes e jovens médicos em Portugal (publicámos

alguns *online abstract books* e oferecemos a divulgação no nosso site e *facebook* e, em contrapartida, deram-nos a oportunidade de apresentar o projeto da AMP Student) este ano teremos também a apresentação dos melhores artigos desenvolvidos por estudantes e jovens médicos nesses mesmos congressos. A longo prazo, como referi, queremos estabelecer a AMP Student como o veículo preferencial da comunicação científica dos estudantes e jovens médicos em Portugal e no mundo da lusofonia e que a AMP Student tenha um papel pedagógico relevante na formação de autores, revisores e editores científicos para que, desde as bases da escola médica, os alunos sejam incentivados a participar na produção e edição científica: queremos criar no nosso país uma cultura de comunicação de ciência.

ROM – De que outras formas a AMP Student tem contribuído para a inovação na Acta Médica Portuguesa?

PCP – Por exemplo, vamos lançar, numa primeira fase apenas *online*, os *patient articles*, porque entendemos que a produção científica tem ainda mais relevância na medida em que seja também relevante para os doentes. A relevância clínica não deve ser definida única e exclusivamente pela prevalência da patologia ou pela inovação que um fármaco pode trazer. Com os *patient articles* também abordamos, entre outros temas, o valor que o diálogo e a relação médico-doente podem ter na relação terapêutica. A título de exemplo, o BMJ tem um *patient editor* que angaria artigos de doentes onde explicam, entre outras coisas, a importância do diagnóstico ter sido comunicado de uma ou outra forma. Com este tipo de artigos podemos aprender o que foi bem feito e replicar.

Também no site da Acta Médica Portuguesa, vamos lançar os *video abstracts* que são uma forma dos autores promoverem o seu trabalho de maneira muito simples, esquemática e elucidativa. Estas são algumas ideias que a Acta Médica Portuguesa está a desenvolver mas que partem da estrutura inovadora e ágil da AMP Student.

ROM – Um projeto com cerca de 2 anos de vida, já tem muito trabalho desenvolvido...

PCP – Ao fim de praticamente dez meses deste “mandato” a AMP Student já concluiu grande parte daquilo que era o seu plano executivo para 12 meses. Não posso esquecer que fazemos parte de um caminho e de um projecto maior, que é a Acta Médica Portuguesa, e que quando o Prof. Rui Tato Marinho assumiu a AMP em 2011, altura em que havia cerca de 300 artigos em atraso, iniciou um caminho que permitiu que o fator de impacto anteriormente alcançado continuasse a crescer – estando agora nos 0,304 – e, só no ano passado, tivemos 834 submissões e foram publicados 134 artigos. A dinâmica que a AMP passou a ter, a capacidade e vontade de ir buscar jovens estudantes de medicina e de fazer, de novo, da AMP, um bastião de inovação na comunicação científica da Ordem dos Médicos deve-se ao Prof. Rui Tato Marinho a quem agradeço em meu nome pessoal e da equipa da AMP Student. Com uma estrutura pequena (Carla de Sousa, Miguel Reis, Rui Matos, Helena Donato, José Carona Carvalho e o Prof. Rui Tato Marinho) conseguimos fazer uma edição mensal este ano com muito boa vontade de todos. Da nossa parte, já há tanta coisa feita mas ainda fica muito por fazer. Estamos muito orgulhosos de fazer parte desta equipa.